



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO

MUSEU DAS FAVELAS
PROJETO MUSEOLÓGICO

INTRODUÇÃO

O presente documento procura estabelecer as bases para orientação da criação do Museu das Favelas, instituição museológica vinculada à Secretaria da Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo.

O Museu das Favelas é uma iniciativa do Governo do Estado de São Paulo, que integra uma série de projetos voltados para as favelas de São Paulo, abarcando as áreas da cultura, esporte, emprego e renda, democratização da internet, segurança alimentar e assistência social.

No contexto museológico, a Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico (UPPM) entende ser fundamental a participação e protagonismo de instituições e/ou organizações de base comunitária criadas e geridas por moradores de favelas, em especial os museus de favela, museus de território e da rede de museus de base comunitária já constituídos em território nacional, no processo de criação e nos debates para a constituição deste novo Museu da Secretaria de Cultura e Economia Criativa.

Seguindo as proposições da Declaração de Caracas (1992), que reverencia e reafirma os princípios da Declaração de Santiago do Chile (1972), documentos referenciais do campo museológico que consistem na abertura dos museus aos contextos sociais em que estão inseridos e ao desenvolvimento da noção de Museu Integral (1972) e Museu Integrado (1992), entende-se que os museus são instituições que pretendem e devem estar atentos à vida da sociedade, às suas transformações sociais, econômicas e culturais, e tornar-se agentes partícipes das transformações necessárias para a construção de uma sociedade onde as diferenças não signifiquem desigualdades.

No Brasil a Lei 11.904/2009 que orienta o campo museológico brasileiro, estabelece os princípios fundamentais para os museus no Brasil:

- I – a valorização da dignidade humana;
- II – a promoção da cidadania;
- III – o cumprimento da função social;
- IV – a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental;
- V – a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural;
- VI – o intercâmbio institucional.

Nesse contexto, a função social primordial a ser assumida pelo Museu das Favelas em sua conformação e consolidação enquanto espaço de expressão e comunicação de memórias, patrimônios e histórias das favelas e seus habitantes, diz respeito ao envolvimento do maior número de agentes possíveis, a fim de respeitar e expressar a diversidade e especificidades das favelas paulistas e brasileiras, do mesmo modo que identificar traços comuns, evidenciar patrimônios e memórias coletivas e disseminar soluções para o enfrentamento dos problemas enfrentados, assim como contribuir para ampliar o diálogo e para a construção de políticas públicas em prol das favelas e seus moradores.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO

1. APRESENTAÇÃO

Embora o termo Favela esteja presente na música popular brasileira desde a primeira ocupação dos morros cariocas, no início do século XX, até que no senso comum a “Favela” passasse de lugar de exclusão e objeto de estudo universitário a lugar de afirmação identitária, reconhecido não apenas pelas suas carências, que refletem a ausência e/ou insuficiência de políticas públicas para grande parte das populações urbanas, mas como pólo de intensa produção cultural, intelectual e patrimonial, foi necessário cerca de um século de resistência e resiliência.

A associação dos substantivos femininos resistência e resiliência às moradias em aglomerados urbanos materializados por coletividades historicamente excluídas social, econômica e culturalmente, denominados “favelas”, se contrapõe às descrições superficiais que contribuíram para a construção e/ou reiteração de estereótipos sobre esses lugares, descritos como conjunto de habitações populares “geralmente toscas” (Dicionário Aurélio, 1993) ou lugar que causa “má impressão por ser desorganizado, por ter aparência desagradável e/ou por ser habitado ou frequentado por pessoas de baixa renda” (Dicionário Michaelis, 2021). É possível dizer que as capacidades mencionadas acima, que geram as “potências das favelas”, residem na força das matrizes ancestrais dos povos ou grupos expropriados que historicamente tem ocupado as favelas, associadas aos conhecimentos por eles produzidos e transmitidos de geração a geração, à resistência encorajada na fé de que dias melhores virão e à garra para superar os desafios cotidianos.

As favelas do século XXI não são como as favelas do início do século XX. Embora alguns problemas permaneçam, análises sobre esses territórios e seus habitantes tendem a ser mais complexas e exigem abordagens interseccionais. Afinal, é impossível compreender a favela apenas por um viés, “a favela é uma organização transversal” (SILVA, 1967). Igualmente impossível negar que a construção de visões, memórias, histórias e estéticas positivadas das favelas foi realizada e protagonizada por seus próprios moradores e moradoras, conscientes das barreiras impostas pelos estereótipos criados e reiteradamente reforçados pela grande mídia, especialmente pelo jornalismo sensacionalista, e reforçado no imaginário e no repertório popular.

Importantes exemplos dessa construção antissistêmica nos campos da cultura, do patrimônio e da memória e dos museus, que nascem em tom de denúncia de desigualdades e violências e demonstram possibilidades de construção de outras histórias e a disseminação de memórias positivadas das favelas, fruto da organização popular e capacidade de autogestão, são os **museus de favelas**. Neles, a favela é referendada como lugar de memórias, de preservação patrimonial, de construção identitária, de resistência e resiliência, e sua relação com os movimentos sociais de base comunitária possibilitam-lhes contribuir para a maior visibilidade dos problemas e demandas locais, e para a construção de soluções coletivas em prol da melhoria da qualidade de vida dos moradores e moradoras das favelas.

As reflexões provocadas pelas exposições e programações culturais realizadas por iniciativas museológicas como o Museu da Maré (RJ, 2006), o Museu de Favela (RJ, 2008), o Ponto de Memória da Terra Firme (PA, 2009), o Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos – MUQUIFU (MG, 2012), o Ponto de Memória da Estrutural (DF, 2012), o Museu da Beira da Linha do Coque (PE, 2013) e o Museu das Remoções (RJ, 2016), mencionando apenas alguns museus comunitários brasileiros, dão o tom acerca das temáticas, conceitos, responsabilidades e compromissos aos quais um museu socialmente comprometido com moradores e moradoras das favelas deve se inspirar e referenciar.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO

Não é à toa que Canudos, referência histórica e também simbólica, além de diretamente relacionada à construção da primeira favela conhecida do Brasil, o Morro da Providência (RJ), ainda hoje tem tanto a nos provocar e ensinar. O principal ensinamento é justamente que os problemas sociais enfrentados pela população de Canudos são reproduzidos continuamente, embora com novas roupagens e em diferentes contextos. A desigualdade social que assola nosso país desde sua invasão e/ou ocupação por diferentes povos, permite que as favelas continuem existindo e se reproduzindo. Essa mesma desigualdade, que intersecciona questões de classe, raça e gênero em sua reprodução, permite que uma exposição como a “Canudos: Memória da Favela” (Museu da Maré, 2017) realize tantas associações entre realidades separadas por tempos e espaços diferentes. Denunciando, mais uma vez, o fio condutor gerador das favelas: a desigualdade social.

Análises contemporâneas evidenciam outras dimensões das favelas, como o empreendedorismo, as soluções criativas e as tecnologias desenvolvidas por seus moradores e moradoras. Embora muitos(as) permaneçam em situação de subemprego, esse quadro tem mudado, e nas últimas décadas parcelas significativas têm concluído estudo técnico e/ou universitário, o que lhes permite a possibilidade de escolher profissões mais valorizadas e bem remuneradas. Desse modo, não se pode ignorar a contribuição das favelas à economia, como aponta pesquisa realizada pelo Data Favela (2021), evidenciando que as classes C, D e E são responsáveis por movimentar 1,7 trilhão por ano na economia do país.

A última definição de Museu elaborada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), em vigor desde 2007, define-o como “[...] *uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.*” (ICOM, 2007)

Essa definição de Museu já não contempla a contento a diversidade de práticas observadas, assim como a aspiração necessária aos museus. Em razão disto, o ICOM em sua conferência trienal realizada em Quioto (Japão, 2019) buscou acordar uma nova definição de museu. Entretanto, sem uma decisão fechada, o processo de trabalho do Conselho Internacional em busca de uma nova definição de museu prossegue.

Embora não haja preliminarmente enquadramento tipológico para o Museu das Favelas, algumas premissas, como a participação e o protagonismo dos moradores e moradoras da favela, se tornam essenciais. Soma-se a essas premissas questões contemporâneas discutidas no campo da museologia, como expressam os vinte termos levantados pelo ICOM Brasil (2019-2020) entre profissionais, estudantes e pesquisadores de museus brasileiros, em busca de termos que deveriam estar contidos na nova definição de museus, a saber: antirracista, bem-viver, comunicar, cultura, decolonial, democrático, direitos humanos, educação, experiência, futuros, inclusivo, instigar, patrimônio, pesquisar, público, salvaguardar, social, sustentável, território e transformar.

A partir destes termos, é possível estabelecer algumas diretrizes a serem consideradas para a criação do Museu das Favelas, 50 anos após a provocação de Stanislas Adotevi, diretor do Instituto de Pesquisa Aplicada e dos Arquivos e Museus Nacionais da República do Benin, na 9ª Conferência Geral do ICOM (1971, França), que criticou o espaço museal e o conteúdo dos museus, além de defender que estes deveriam deixar de ser palácios/tempos e adquirir uma dimensão contextualizada, substituindo a contemplação pela tomada de consciência (ALONSO



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO

FERNÁNDEZ *apud* SANTOS, 2017, p.146) e quase 50 anos após a paradigmática Mesa-redonda de Santiago do Chile, que fez a proposição de “Museu Integral”. No documento final produzido no evento de 1972, já se vislumbrava o que se esperava de uma atuação dos museus. Dentre as recomendações feitas, constava “que uma de suas realizações mais importantes foi a identificação e definição de uma nova abordagem para a ação dos museus, a saber, o museu integrado, destinado a oferecer à comunidade uma visão integral do seu ambiente natural e cultural, e solicita que a UNESCO utilize os meios de divulgação à sua disposição para promover essa nova tendência”.

A ideia de um museu mais integrado à sociedade acompanhava uma definição também presente no documento, que colocava o museu como “uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante, e que traz consigo os elementos que lhe permitem participar da formação da consciência das comunidades que atende. Por meio dessa consciência, os museus podem incentivá-las a agir, situando suas atividades em um contexto histórico para ajudar a identificar problemas contemporâneos; ou seja, ligando o passado ao presente, comprometendo-se com mudanças estruturais em curso e provocando outras mudanças dentro de suas respectivas realidades nacionais” (NASCIMENTO, TRAMPE e SANTOS; 2012, p.116). Na atualidade se reconhece que um museu integrado, mais do que contribuir para que a população compreenda sua realidade a partir dos aspectos técnicos, sociais, econômicos e políticos (DECLARAÇÃO DE SANTIAGO DO CHILE, 1972), deve igualmente aprender a compreender essas realidades a partir de uma relação não hierarquizada, dialógica e de trocas com suas diversas comunidades.

Segundo Horta (2010, p.64), o documento de Santiago é revolucionário em sua redefinição de Museu e “provoca um movimento irreversível (no contexto latino-americano).” Contudo, “a proposta de Santiago, obviamente ‘datada’ no contexto da época, ainda deixa perceber uma visão de dentro para fora, uma ‘função social’ do Museu com laivos didáticos ou ‘catequéticos’... O ‘papel do museu’ é de conscientizar as massas sobre as sua própria problemática humana e social... Pergunta-se: até que ponto não foram as massas e sua problemática, a crise econômica e ambiental que forçaram os museus a sair de seus muros?” (HORTA, 2010, p.64)

Passa-se assim de uma postura conservacionista, na qual a museologia estava mais afeita à designação dada por Gustavo Barroso em 1946 de “estudo científico de tudo o que se refere aos museus, no sentido de organizá-los, arrumá-los, conservá-los, dirigi-los, e de classificar e restaurar os seus objetos”, para uma postura social-desenvolvimentista, com uma museologia mais participativa, envolvendo a sociedade, as comunidades e os territórios onde os museus estão situados.

Em uma crítica mais contemporânea, do sociólogo Andreas Huyssen, que analisa os museus como tendo passado de um lugar de preservação da cultura de elite para um meio de comunicação de massa, atendendo as expectativas de um público ávido por experiências, na qual “a democratização do acesso aos museus, que incorpora segmentos da população anteriormente excluídos, veio acompanhada da valorização da performance e do movimento em detrimento da sacralização dos objetos”, o museu passa a ser afetado pela expectativa de espetáculo, da comunicação rápida e imediata, torna-se espaço de convivência, para estar em grupo e registrar presença nas redes sociais. O instagramável e o imersivo tornam-se adjetivo para o espaço expositivo a ser perseguido em exposições “blockbusters”, na qual sucesso se mede (erroneamente) por meio das filas de pessoas querendo adentrar o espaço do museu.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO

Neste cenário, o passado perde importância enquanto narrativa única e fonte de conhecimento. A pluralidade identitária da sociedade e a diversidade cultural não podem mais ser ignoradas. As narrativas do passado são denunciadas por fazerem parte de estratégias políticas de uma elite anterior. A história, enquanto conhecimento sobre o passado, torna-se palco de disputas e nela são recuperados antigos silêncios e narrativas cada vez mais pluralizadas, capazes de dar novo sentido a eventos passados.

Posto este breve panorama acerca das diversas reflexões feitas sobre os museus, é curioso notar o papel que esta instituição tem no imaginário popular. Em “Bacurau”, filme de 2019, dirigido por Kléber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, traz em sua narrativa o Museu Histórico de Bacurau (MHB). No filme, a cidade de Bacurau enfrenta o abandono do poder público, em verdadeiro ato necropolítico, que vai desde o envio de “restos” (comida e remédios vencidos, livros em péssimo estado de conservação) ao acordo com estrangeiros corroborando a descartabilidade da vida de seus habitantes. Entretanto, é no museu que reside a resistência da identidade dos habitantes de Bacurau, com seu acervo preservado e passível de uso, como resistência à uma historiografia oficial que insiste em querer esquecer aquela comunidade.

Museus como instrumentos para operar uma demonstração franca de resistência e afirmação de identidades podem ser observados em vários exemplos. Dos museus indígenas no Brasil, como o Museu AkãmOrãmKrenak, do povo Krenak, e o Museu Worikg, do povo Kaingang, ambos localizados na Terra Indígena Vanuíre, município de Arco-Íris/SP, aos museus comunitários ou museus de favela, como os já mencionados anteriormente. Nestes últimos, embora se reconheça a diversidade populacional presente nessas comunidades, reforça-se a importância da matriz afro-brasileira enquanto sua principal base constituidora. A institucionalização da memória e a apropriação dessa instituição ocidental - o Museu -, e sua ampliação a outras possibilidades e conhecimentos não-hegemônicos, parecerem o caminho para o reconhecimento destas identidades na busca de suas existências como grupo, para assim alavancar outros reconhecimentos em outras instâncias.

Cabe ainda aqui uma reflexão sobre o protagonismo dos grupos na condução sobre a representação de si em um museu. Embora a partir do surgimento do movimento da nova museologia, por volta da década de 1960, tenha se enfatizado a participação das comunidades nos museus, o protagonismo de populações excluídas dos espaços de poder e memória e/ou marginalizadas só foi possível, de fato, com a criação dos museus nas próprias comunidades em seus processos de autogestão. Como já mencionado anteriormente, a diversidade cultural e a pluralidade identitária não são passíveis de serem desconsideradas. E, sabendo-se que a cultura é produto direto da ação do ser humano no meio em que está (tanto em termos físicos quanto sociais), como pensar um Museu das Favelas sem considerar esta diversidade de histórias, memórias, identidades e culturas? O próprio termo “favela” merece uma contextualização histórica e sociológica, que considere em sua conceitualização diferentes epistemologias, e certamente apresentará variações de acordo com tempos, contextos e de cada região deste país-continente. Uma favela carioca não é igual a uma favela paulista que também não será igual a uma favela no norte ou nordeste do país. O que se pode concordar é que favelas são decorrentes de ocupações que cresceram de forma desordenada em contextos urbanos e que cada comunidade se organiza de forma distinta e por isso possui uma história distinta, e que deve ser contada por si própria.

Lembra-se aqui uma fala de Hamady Boloum, diretor do Museu das Civilizações Negras, no Senegal, que explicou sobre o museu, que o mesmo não é “sobre uma etnologia ou um passado



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO

escrito no modelo dos museus europeus, mas sim sobre a longevidade, o futuro, a juventude e a África “olhando por si” e não sob a mirada dos europeus” (BOLOUM, 2019).

O mesmo ocorre com o **Museu das Favelas: a prerrogativa é de que este é um museu que deve manifestar a plurivocalidade**. A construção do discurso deve ser ampla, representativa e, além de participativa, protagonizada por moradores e moradoras de favelas, para não correr o risco de ser caricata ou cristalizadora de pré-conceitos nem apaziguadora de uma realidade com distorções e desigualdades sociais.

2. Objetivos

2.1 Geral

O Museu das Favelas pretende se constituir como uma instituição museológica de caráter integrador e multivocal, criada com o propósito de articular, preservar e comunicar as potências das favelas paulistas e brasileiras: históriase memórias de resistência e resiliência das comunidades, patrimônios culturais, produções artísticas, intelectuais, tecnológicas e científicas.

2.2 Específicos

- Reunir pesquisas e estudos sobre as favelas brasileiras junto as comunidades;
- Desenvolver e divulgar pesquisas temáticas por meio de exposições, artigos, publicações, catálogos e oficinas;
- Contribuir com a desconstrução de visões homogêneas, preconceituosas, caricatas e estereotipadas sobre as favelas brasileiras por meio de ações e narrativas;
- Contribuir com o desenvolvimento e o empoderamento das favelas a partir da valorização das memórias, histórias e patrimônios locais;
- Fomentar experiências e iniciativas de preservação de memórias, expressões culturais e artísticas das favelas brasileiras;
- Desenvolver atividades formativas e criativas nas áreas da cultura, museus e áreas correlatas para moradores e moradoras de favelas;
- Constituir-se como espaço acessível que promove o encontro, o diálogo e a troca de saberes e experiências;
- Promover debates sobre desigualdade social, processos de exclusão e preconceitos relacionados às favelas no Brasil;
- Valorizar a diversidade sem reforçar preconceitos, distorções e desigualdades;
- Estimular e contribuir com o debate sobre as políticas públicas para as favelas brasileiras e para a garantia dos direitos sociais aos seus moradores e moradoras.

3. Justificativa

O Brasil possui aproximadamente 5,12 milhões domicílios residentes em 13.151 mil favelas, chegando a representar 6% da população total do país, de acordo com dados do IBGE de 2019.

A favela é quase sempre vista apenas como um espaço de exclusão, violência e pobreza. Esses fatores acabam se convertendo em pontos de ancoragem da ideia de favela presente na sociedade, que passou a ser problematizada, contestada e desconstruída justamente por manifestações e iniciativas culturais, do samba e do funk, do graffite aos projetos arquitetônicos,



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO

das rádios comunitárias aos já citados museus de favela, dentre outras iniciativas surgidas em favelas. Como afirma Terry Eagleton (2011), ao se apresentar como um produto humano de alto valor, a cultura gera o pertencimento de todos a uma coletividade. Existem conflitos? Existe falta de estrutura de saneamento básico, ausência ou insuficiência equipamentos públicos de saúde, educação e cultura, meios de transporte insuficientes e/ou de má qualidade? É inegável dizer que todos estes fatores estão presentes, mas deve-se ter em perspectiva que **cada favela, cada comunidade, possui suas próprias características, possui níveis de infraestrutura, violência e renda que a difere uma das outras.**

Identificar as similaridades e nuances que fazem com que, independentemente do lugar do Brasil ou do mundo, as favelas se identifiquem e se conectem, por meio de seu processo de constituição em diferentes territórios, fatores históricos vinculados aos problemas estruturados no tecido social brasileiro, especificamente o período pós-abolição da escravidão, os fluxos migratórios das zonas rurais para as urbanas, ou ainda das regiões norte e nordeste para as regiões central, sudeste e sul do Brasil, a ampliação da densidade demográfica e ausência ou insuficiência de políticas sociais de habitação e de ocupação sustentável e interclassista dos diferentes espaços das cidades.

Os moradores das favelas necessitam cotidianamente **buscar soluções para problemas antigos**, que se agregam a novos, o que muitas vezes é possível graças à sua organização social e a pressão exercida perante as autoridades políticas. Isso ocorre porque os governos persistem em olhar para esses territórios de forma superficial e encará-los como algo apartado das cidades, que deve ser escondido e/ou passar por remodelagens em urbanizações que, embora contribuam para a melhoria da qualidade de vida, não resolvem todos os problemas enfrentados por seus moradores: instabilidade econômica, falta de segurança, acesso a creches, escolas e universidades, saneamento básico, infraestrutura urbana, saúde pública, acesso a drogas entre outros.

Buscando enfrentar essas problemáticas, dialogar e incentivar as potências das favelas, o Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Estado da Cultura e Economia Criativa propõe a **criação do Museu das Favelas**, uma instituição museológica de caráter integrador que tem como propósito articular, preservar e comunicar as memórias de resistência das comunidades de moradores e moradoras das favelas paulistas e brasileiras.

A criação do museu procura valorizar as memórias das favelas no Brasil, ampliar os lugares de fala para histórias antes não prestigiadas por espaços públicos de memória, fortalecer as concepções de vida em comum onde as diferenças não correspondam e não legitimem desigualdades, dando luz às memórias ainda não reveladas ou, se reveladas, não evidenciadas, assumindo um protagonismo cultural e histórico.

O museu pretende ser um centro com atuação horizontal e capilar de forma conjunta e articulada com moradores e moradoras de favelas, priorizando no seu escopo a contribuição ao seu empoderamento. A proposta da criação do Museu das Favelas surge, assim, intrinsecamente acoplada à contextualização histórica, urbana e social a qual essa tipologia se vincula. Como fenômenos essencialmente urbano, sujeitos a mudanças, os museus contribuem como organismos vivos, elucida o Prof. Ulpiano Bezerra de Meneses (1992), “para o enriquecimento da consciência histórica, isto é, a percepção da vida social como produto da ação humana que gera e transforma”. Assim, o Museu das Favelas elege como fato museológico a relação das comunidades faveladas com o ambiente urbano em lugares espacialmente ou simbolicamente



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO

periféricos de metrópoles brasileiras, suas identidades, histórias, formas de expressão e patrimônios.

Entende-se que as desigualdades e, logo, as favelas, são importantes para a manutenção de uma ordem hierárquica de poder. E ao contrário do que se pensa, as favelas não existem de forma isolada da sociedade, mas reproduzem a mesma estratificação social existente fora delas. Portanto, não se pretende, com este museu, legitimar condições indignas de moradia e subsistência e outras formas de exploração e/ou exclusão, mas compreender a existência e resistência das favelas a partir de perspectivas decoloniais e anticoloniais, de modo a demonstrar e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos subalternizados, obviamente sem desconsiderar a crítica à modernidade, expressa nos processos excludentes de remodelações urbanas, cientificismo, homogeneização do ensino, categorizações e hierarquizações de sujeitos e suas produções socioculturais etc., e até mesmo aos movimentos pós-modernos e sua ênfase nas inovações tecnológicas, no consumo e ceticismo.

Também não se deve ignorar a relação da temática do Museu das Favelas com o local que o receberá, tanto o Palácio dos Campos Elíseos quanto o território que este ocupa. Um palácio para a favela? Quais contradições e tensões essa combinação pode gerar ou evidenciar? Como mobilizar “a multiplicidade de discursos e percepções sobre o bairro, assim como disputas e negociações em torno de sua memória, cotidiano e futuro”¹? Não se deve ignorar que a alguns metros dali localiza-se a Favela do Moinho, a única ainda existente na região central da cidade, alvo de diversos conflitos entre agentes públicos e membros da comunidade.

Retomamos e reiteramos a provocação de Adotevi (1971) para o atual contexto, enfatizando que, apesar de estar alocado em um palácio, o Museu das Favelas não deve ser um palácio ou templo, apenas para a apreciação de todas as coisas boas produzidas pela favela, mas também atuar ambiente instigador, que estimule o pensamento crítico e a ação cidadã no debate sobre os principais problemas sociais associados às favelas e na elaboração de soluções para a sua resolução, e como um laboratório de ideias e trocas que contribua com as ações já realizadas na conjuntura das favelas, potencializando a criação de outras ações.

4. Preceitos do Museu

- Democrático
- Inclusivo;
- Acessível de forma integral e processual;
- Participativo e protagonizado por moradores(as) de favelas;
- Decolonial²;
- Gestão horizontal de base participativa;
- Discursos e narrativas representativas.

4.2 Referências Patrimoniais

Perfil

¹ Plano Museológico e Estratégico do Museu do Palácio dos Campos Elíseos (2016, p.15).

² Postura e práticas de combate às opressões materiais, simbólicas, raciais e de gênero, que resultam da colonização e subalternização dos povos e de seus saberes (ICOM, 2021).



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO

- Mapeamento de práticas de memória e de preservação de patrimônios tradicionais, atividades artísticas, produção tecnológica e científica desenvolvidas nas favelas e comunidades brasileiras;
- Associações comunitárias, ações sociais e políticas nas favelas e comunidades brasileiras;
- Inventário Participativo em diferentes favelas e/ou regiões para identificação de referências patrimoniais (tradições culturais tradicionais e contemporâneas).

Acervos

* Para a exposição de longa duração recomenda-se empréstimo e comodatos, cessão de uso de imagens - após realização de pesquisa das referências.

- Plano de Fomento e Mapeamento contínuo de acervos nas favelas brasileiras

4.3 Conteúdo

- **Pesquisa Museológica**

Desenvolvimento de linhas de pesquisa a partir de temas geradores definidos e a partir do acervo coletado [sugestões]:

1. Cultura e lazer (espaços de sociabilidade, ações culturais, produção artística, redes de articulação local, educação patrimonial, trabalhos de resgate e preservação de memórias desenvolvidos por coletivos);
2. Gênero (mães solo e provedoras de famílias, diferentes arranjos familiares, ser LGBTQIA+ na favela, protagonismo feminino);
3. Habitação (técnicas construtivas, modos de morar e viver, soluções criativas, economia nos ambientes domésticos, acessibilidade para pessoas com deficiência, processos de autoconstrução e intercâmbio de saberes, movimentos sociais pela habitação, infraestrutura urbana - serviços de saneamento básico, fornecimento de água tratada, energia elétrica, coleta de lixo e resíduos e calçamento);
4. Participação popular (os processos dos mutirões e a produção do comum em comum, organização e representatividade política, ausência e presença do Estado na favela, inclusão multidimensional);
5. Transporte (barreiras simbólicas de acesso, entrar e sair da favela, direito a cidade);
6. meio ambiente (ocupação e uso do solo, desmatamento e poluição de rios e córregos);
7. Educação (espaços pedagógicos - escolas, cursinhos comunitários, bibliotecas, brinquedotecas, quadras e pátios, hortas comunitárias, espaços de diálogo intergeracional, acesso a internet);
8. Genocídio, violência e racismo (observatório de denúncias, a violência institucionalizada, feminicídio e crimes de intolerância - religiosa, LGBT, etc.);
9. Infâncias;
10. Saúde e bem estar (acesso a saúde pública, agentes comunitários de saúde, academias populares e hortas comunitárias);
11. Expressões de fé;
12. Trabalho (desemprego, geração de renda e empreendedorismo, economia circular e solidária, cooperativas de crédito, desenvolvimento como liberdade).

- **1º Exposição de Longa Duração**



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO

Projeto Expográfico participativo e protagonizado por museus de favela, lideranças de favelas e profissionais das favelas de São Paulo e do Brasil.

Projeto e Metodologia de Pesquisa
Compilação conteúdo do projeto
Desenvolvimento da pesquisa e levantamento documental
Elaboração da lista/planilha de acervo
Solicitação de autorização de uso de imagem/Documentação Museológica organizada pelo setor responsável da OS/UPPM
Definição do projeto de coleta de testemunhos
Lista de entrevistados
Revisão dos módulos expositivos
Detalhamento dos módulos da exposição (escolha dos acervos a serem expostos, textos, suportes, legendas)
Apresentação do projeto para equipe, parceiros e envolvidos
Desenvolvimento do Projeto Expográfico
Concepção
Produção textual (textos, legendas, etiquetas)
Propostas/maquetes/estudo de mobiliário e suportes/maquetes
Acessibilidade (desde o processo de concepção)
Avaliação recursos (por pcds)
Direção de arte (discussões acerca da estética da favela)
banners, sinalização, promocional,
mídias digitas
projeto gráfico editorial (catálogo/caderno do professor/folder/cadernos de leitura
Projeto Educativo
Plano de Comunicação Institucional
Site/boletim/imprensa
Mídias sociais
Comunicação parceiros
Comunicação SEC e SECOM
Contratação de serviço de audiovisual
Execução de coleta e edição de testemunhos
Entrega de produtos audiovisuais
Reprodução de acervo
Produção de mobiliário
Marcenaria
Revisão de textos e legendas
Plotagem
Catálogo
Produção textual



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO

Produção de projeto de design
Elaboração de ficha catalográfica
Solicitação de ISBN
Contratação de gráfica
Impressão
Preparação do espaço (pintura/limpeza)
Contratação de serviço de montagem
Acondicionamento de mobiliário
Aplicação de comunicação visual
Montagem fina de iluminação e equipamento de tecnologia
Abertura da Exposição
Proposta festa aberta entorno Palácio Campos Elíseos
Evento abertura em várias cidades/favelas do Brasil
Avaliação
Avaliação de equipe
Avaliação da Secretaria
Avaliação Parceiros
Avaliação parcial público
Produção de relatório

A programação de abertura da exposição deverá prever ações articuladas de forma concomitante em diversos museus de favela em todo Brasil

Mediado por Marcello Dantas e equipe a ser entregue para análise da equipe UPPM.

Conteúdos:

Na primeira exposição do Museu das Favelas conteúdos deverão levar em conta o desenvolvimento das linhas de pesquisa que serão estruturadas com maturidade institucional a partir da relação patrimônios-comunidades-territórios e do engajamento de mais agentes aos processos museológicos da instituição. Alguns pontos de partida:

- Tipologia do museu;
- Histórico do território e do edifício
- Porque/Pra que o Museu das Favelas no Palácio?
- Conceito gerador: fio condutor da narrativa expográfica;
- Delimitação do conceito de Favela em suas dimensões históricas, geográficas, antropológicas e sociológicas;
- Motivação para comunicação e preservação das memórias e histórias das favelas;
- Indicadores populacionais: êxodo rural e déficit habitacional urbano como questões primárias para o surgimento das favelas;
- Indicadores sociais/econômicos: a utopia da cidade disciplinar e o “higienismo”;
- Preconceito e violência: as memórias difíceis e traumáticas;
- A favela como polo de produção cultural: identidade, superação e a recente romantização da vida nas comunidades;



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO

- Favela para além da estética da gambiarra.

Apresenta como desafios imediatos lidar com a mutabilidade dos territórios e a amplitude nacional. Assim, o Museu das Favelas deve adotar estratégia de atualização da narrativa expográfica com períodos de tempos definidos, sendo que o esforço de pesquisa de novos conteúdos deve ser inserido no Planejamento Estratégico institucional e intensificado após os 3 primeiros anos. Ao final do período do Contrato de Gestão, deve-se prever a elaboração de proposta expográfica para a elaboração de uma nova exposição de longa duração, tendo como premissa a oitiva de grupos diversos e representativos em cada região do país.

5. Programa de Necessidades

5.1 Planejamento Institucional

- Plano Museológico
- Metodologia de planejamento e acompanhamento
- Planejamento de ocupação do Palácio Campos Elíseos

5.2 Espaços

É importante considerar que cada museus possui sua própria dinâmica. Assim, é importante salientar que caberá ao Museu das Favelas definir quais programas, projetos e ações museológicas serão desenvolvidos na sede e forma capilar junto as favelas brasileiras.

Programa de Necessidades – Palácio Campos Elíseos:

Áreas para desenvolvimento de atividades internas

- Exposição de Longa Duração
- Exposições Temporárias
- Exposições Itinerantes
- Reserva Técnica de transição
- Serviço educativo
- Estúdio de captação e edição de som e imagem
- Programação Cultural (auditório, laboratórios, salas multiuso)
- Centro de Referência e área para recepção de pesquisadores
- Centro de Formação em Empreendedorismo
- Café, restaurante – Café-escola
- Áreas administrativas

Áreas para desenvolvimento de ações híbridas: nos espaços do museu e espaços extramuros e virtuais

- Exposições virtuais
- Programas de residência artística e de residência para pesquisadores
- Programa de intercâmbio entre o Museu das Favelas e os museus comunitários de favela no território brasileiro

5.3 Recursos Humanos



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO

Trabalhadores provenientes de favelas paulistas ou de outros estados brasileiros, distribuídos entre cargos diretivos e cargos operacionais.

Estabelecer programa de estágios para ensino médio e superior.

6. Metodologia

- **Gestão:**

A gestão do Museu das Favelas seguirá a política de museus do Estado de São Paulo aliada a especificidade de que este museu deve compor e envolver a participação efetiva em seus quadros diretivos, consultivos e de funcionários efetiva de moradores de favelas e a diversidade de instituições que nelas atuam. As finalidades que traduzem a razão de existir dos museus são organizadas através de um conjunto de programas de trabalho que expressam as ações finalísticas a serem executadas (preservação, pesquisa e comunicação do patrimônio museológico, visando contribuir para a educação, identidade, cidadania e fruição cultural) e as atividades de gestão e de áreas-meio necessárias para viabilizá-las.

A UPPM possui sete programas de trabalho que embasam a elaboração dos Planos de Trabalhos das Organizações Sociais que operam a gestão dos museus mantidos pela SEC tais quais: **Programa de Gestão Museológica** (subdividida nos eixos: Eixo 1 – Plano museológico e planejamento estratégico; Eixo 2 – Gestão administrativa, de recursos humanos e financeira; Eixo 3 – Financiamento e fomento; Eixo 4 – Mobilização e/ou diversificação e/ou fidelização de público; Eixo 5 – Monitoramento e avaliação de resultados; Eixo 6 – Acessibilidade; Eixo 7 – Sustentabilidade; Eixo 8 - Gestão tecnológica); **Programa de Gestão de Acervos**; **Programa de Exposições e Programação Cultural**; **Programa Educativo**; **Programa de Integração ao SISEM**; **Programa de Comunicação e Desenvolvimento Institucional e de Programa de Edificações**.

- **Plano Museológico:**

A construção do Plano deve ser feita de maneira participativa em âmbito nacional, inclusivo, reflexivo e com base em diálogos orientados. Deve-se mobilizar diversos autores, especialmente moradores de favelas brasileiras e representantes de museus de favela e/ou outras organizações coletivas nelas desenvolvidas, funcionários do futuro museu e/ou da organização social gestora, membros da Secretaria de Cultura, profissionais e pesquisadores especialistas na temática, profissionais que atuam em equipamentos similares, outros membros da sociedade civil organizada e públicos em geral.

As atividades a serem realizadas devem considerar os recortes temáticos elencados no presente projeto e o contexto em que o equipamento está inserido (histórico, simbólico, geográfico, institucional).

O processo deve ser conduzido por uma equipe multidisciplinar e se desenvolver a partir dos princípios teórico-metodológicos interdependentes: (i) participação, (ii) protagonismo; (iii) deslocamentos do olhar, (iv) negociação de sentidos e compatibilização de repertórios e (v) construção de consensos.

- Planejamento de Incursões nos Territórios
- Incursões etnográficas
- Reunião prévia para estruturação das rodas de conversa



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO

- Processos de escuta: rodas de conversa: 1. ONGs, museus de favelas e outras instituições (inclusive governamentais); 2. Instituições culturais; 3. Juventudes; 4. Pesquisadores de favelas e externos.
- Balanço rodas de conversa
- Oficinas estratégicas
- Reuniões setoriais > programas museológicos

- **Acessibilidade:**

O Museu deverá empreender desenvolver as suas ações acessíveis em todas as dimensões da acessibilidade (atitudinal, arquitetônica, programática, metodológica, instrumental, comunicacional).

Ter representações em seus acervos de pessoas com deficiência e movimentos sociais de luta por direitos das pessoas com deficiência nas favelas brasileiras.

Deverá promover inovação de processos museológicos acessíveis e inclusivos na promoção do acesso as suas programações, ações e acervos de forma integral.

Articular e difundir conceitos ações de acessibilidade e adaptação razoável nas favelas brasileiras.

O Museu terá como preceito: que a deficiência resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.

- **Exposições Itinerantes:**

Curadorias coletivas com a participação de representantes de movimentos sociais relacionadas às linhas de pesquisa desenvolvidas no âmbito do Centro de Referência, dos programas de residências e do programa de intercâmbio.

- **Exposições temporárias:**

Curadorias coletivas com a participação de representantes de movimentos sociais relacionadas às linhas de pesquisa desenvolvidas no âmbito do Centro de Referência, dos programas de residências e do programa de intercâmbio.

- **Exposições virtuais:**

Desenvolver exposições virtuais com os conteúdos produzidos para as exposições itinerantes e temporárias, além de outras pesquisas específicas provenientes do Centro de Referência, dos programas de residências e do programa de intercâmbio.

- **Programação Cultural**

Realização e fomento a eventos e apresentações artísticas de iniciativas de favelas.
Seminários e outras programações para discussões sobre políticas públicas

- **Serviço educativo**

Realização de programas, projetos e ações que contemplem a diversidade de público com os quais o museu pretende trabalhar: crianças, jovens, estudantes, idosos e pessoas com deficiência, grupos em situação de vulnerabilidade, famílias etc.

- **Centro de Referência:**

O Centro de Referência deverá ser o setor responsável por pesquisar e documentar diferentes favelas brasileiras, com vistas à constituição do acervo do Museu das Favelas. Deve possuir



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO

equipe dedicada à pesquisa, à documentação e à gestão de uma biblioteca e midiateca que reúna acervos de livros, periódicos e demais publicações, filmes, documentários e obras de referência sobre as favelas e temas correlatos (ações sociais, artísticas, culturais etc.). A organização de publicações, catálogos e oficinas deve promover a difusão do acervo institucional, somada à elaboração de artigos para submissão em publicações de instituições congêneres.

O Centro de Referência deverá desenvolver pesquisas, estabelecer parcerias com museus, memoriais (em especial os museus de favelas, memoriais e demais iniciativas de memórias em favelas), centros e grupos de pesquisas em universidades, visando a promoção de palestras, seminários e encontros com o objetivo de contribuir com a troca, ampliação e divulgação de conhecimentos sobre as favelas.

A partir do desenvolvimento de pesquisas sobre Museologia Comunitária e Iniciativas de Memória nas favelas será estruturado um mapeamento, visando contribuir com a construção de políticas públicas que atendam essas iniciativas de memória.

A realização de parcerias com iniciativas de memórias das favelas visa contribuir com a digitalização de fotografias e documentos e a estruturação de espaços para a preservação das coleções comunitárias.

- Centro de Criação e Inovação Empreendedora

Focado na produção cultural das favelas e periferias urbanas para o desenvolvimento de empreendedorismo em diversos setores da cadeia de produção cultural e setores correlatos.

Programas de residência artística e de residência para pesquisadores: Fomento a projetos de investigação artística sobre a ambiência da favela, assim como promoção de troca entre artistas da favela, das mais diversas linguagens artísticas, com outros artistas. Da mesma forma, estimular pesquisas acadêmicas sobre diversos temas relacionados à favela, em especial sobre políticas públicas.

Programa de intercâmbio entre o Museu das Favelas e os museus comunitários de favela no território brasileiro: Fomento a hospedagem solidária nas favelas brasileiras, visando a avaliação crítica e a produção de novos conteúdos a serem incorporados nas diversas ações do museu.

6.1 Eixos de Atuação

- Participação Social
- Protagonismo
- Capilarização das Ações

6.2 Possíveis Agentes

- CUFA – Central Única das Favelas
- Acessibilidade na comunidade
- Libras na Quebrada
- Periferia em Movimento
- Portal Desenrola e não me enrola
- Laboratório de jornalismo Énois
- Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos – MUQUIFU (Belo Horizonte/MG)
- Museu da Maré (Rio de Janeiro/RJ)
- Museu de Favela (Rio de Janeiro/RJ)
- Museu da Beira da Linha do Coque (Recife/PE)
- Ponto de Memória da Terra Firme (Belém/PA)



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO

- Ponto de Memória da Estrutural (Distrito Federal/GO)
- Acervo da Laje (Salvador/BA)
- Museu Comunitário Umbu (Alvorada/RS)
- Ecomuseu de Manguinhos (Rio de Janeiro/RJ)
- Museu Sankofa Memória e História Rocinha (Rio de Janeiro/RJ)
- Ponto de Memória Museu do Beiru (Salvador/BA)
- Ponto de Memória Museu do Taquaril (Belo Horizonte/MG)
- Ecomuseu Nega Vilma (Rio de Janeiro/RJ)
- Museu Comunitário do Grande Bom Jardim (Fortaleza/CE)
- Museu Cultura Periférica (Maceió/AL)
- Museu Social da Brasilândia (São Paulo/SP)
- Museu Comunitário de Memória da Grande São Pedro (Espírito Santo/ES)
- Museu Mangue do Coque (Recife/PE)
- Museu da Periferia do Sítio Cercado (MUPE) (Curitiba/PR)
- Ecomuseu Amigos do Rio Joana (Rio de Janeiro/RJ)
- Memórias do Cerro Corá (Rio de Janeiro/RJ)
- Museu Comunitário Morro da Providência (Rio de Janeiro/RJ)
- Museu Comunitário do Jardim Vermelhão (Guarulhos/SP)
- Museu das Remoções (Rio de Janeiro/RJ)

7. Público

Públicos presenciais, extramuros e virtuais, agendados ou espontâneos, em seus diversos segmentos: interno (profissionais que atuam no museu), escolar (professores, estudantes e demais membros da comunidade escolar), lideranças comunitárias, educadores, especialista/universitário, pesquisador, guias de turismo, profissionais de saúde e assistência social, pessoas em situação de vulnerabilidade social, pessoas com deficiência, famílias, primeira-infância, infanto-juvenil, terceira idade, turista, vip/patrocinador e institucional.

Deve se desenvolver projetos que possibilitem a visita de grupos de escolas públicas, instituições sociais e coletivos que atuam em favelas do estado de São Paulo ou mesmo de outras regiões do Brasil.

8. Resultados Esperados

- Mapeamento e levantamento do perfil das favelas paulistas e brasileiras;
- Ampliação do debate sobre a preservação do patrimônio e memória das favelas no Brasil;
- Ampliação do fomento as práticas de preservação de memória nas favelas brasileiras;
- Ampliação do debate sobre as políticas públicas nas favelas brasileiras;
- Circulação de produção cultural proveniente das favelas brasileiras;
- Trabalhadores e trabalhadoras das favelas brasileiras absorvidos no mercado; museológico e cultural brasileiro.

9. Instituições Parceiras

9.1 Possíveis parceiros

- Data Favela



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO

- Fábricas de Cultura de São Paulo (Brasilândia, Capão Redondo, Diadema, Jaçanã, Jardim São Luis, Vila Nova Cachoeirinha, Vila Curuçá, Sapopemba, Itaim Paulista, Parque Belém, Cidade Tiradentes)
- Centros de Educação Unificada (CEU's)
- CEP – Centro de Estudos Periféricos, da UNIFESP
- Alma Preta Jornalismo
- Escola de Gente
- Gerando Falcões
- Agência Solano Trindade
- IBEAC – Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (Bel Santos Mayer)
- NaveLab Criativo (Charles Siqueira)
- ANIP – Articuladora de Negócios de Impacto da Periferia e A Banca - negócio de impacto da periferia (DJ Bola)
- Preta Hub (Adriana Barbosa)
- Projeto Resignifica (Porto Digital e Signifier)
- Grupo Ururay

Sugestão de Leituras

BRASIL. Lei Federal nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009.

BRASIL. Política Nacional de Museus. Relatório de Gestão, 2003-2004.

CENTRAL ÚNICA DAS FAVELAS – CUFA. Disponível em: www.cufa.org.br. Acesso em: 19 set. 2021.

DECLARAÇÃO DE CARACAS - ICOM, 1992. In: PRIMO, Judite (org.). **Cadernos de Sociomuseologia** - Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais. Tradução Maristela Braga. Lisboa: ULHT, v.15, n.15, p.243-265, 1999. Disponível em: <http://revistas.ulsofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/345>. Acesso em: 27 mai. 2016.

EAGLETON ,Terry. **Ideias sobre cultura**. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa** (1910-1989). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

EVENTO idealizado por Celso Athayde deve unir favela e asfalto em região nobre de São Paulo. Folha Uol, 6 ago. 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2021/08/evento-idealizado-por-celso-athayde-deve-unir-favela-e-asfalto-em-regiao-nobre-de-sao-paulo.shtml?utm_source=sharenativo&utm_medium=social&utm_campaign=sharenativo. Acesso em: 23 set. 2021.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Vinte anos depois de Santiago: A Declaração de Caracas (1992). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro**: Documentos Selecionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado de Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol. 2, p.61-65, 2010.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO

ICOM Brasil. **Pesquisa ICOM Brasil nova definição de museus.** Disponível em: <http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Apresentacao.pdf>. Acesso em: 19 set. 2021.

MENON, Isabella. Heliópolis vai ganhar fachadas coloridas no entorno do futuro Parque da Cidadania em São Paulo. **Folha UOL**, 22 set.2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/09/heliopolis-vai-ganhar-fachadas-coloridas-no-entorno-do-futuro-parque-da-cidadania.shtml>. Acesso em: 24. Set.2021.

MESA-REDONDA de Santiago do Chile - ICOM, 1972. In: PRIMO, Judite (org.). **Cadernos de Sociomuseologia** - Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais. Tradução Marcelo Mattos Araújo e Maria Cristina Oliveira Bruno Lisboa: ULHT, v.15, n.15, p.111-121, 1999. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/335>. Acesso em: 27 mai. 2016.

MICHAELIS. **Favela.** Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/favela/>. Acesso em: 19 set. 2021.

MORALES LERSCH, Teresa; CAMARENA OCAMPO, Cuauhtémoc. **O conceito de museu comunitário: história vivida ou memória para transformar a história?.** Tradução Odalice Miranda Priosti. 2004. Disponível em: <http://www.abremc.com.br/pdf/5.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2015.

MUSEU DA BEIRA DA LINHA DO COQUE. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/MuseudaBeiradaLinhadoCoque/>. Acesso em: 27 set. 2021.

_____. Disponível em: <https://museudabeiradalinhadocoqueblog.wordpress.com/o-museu/>. Acesso em: 27 set. 2021.

MUSEU DA MARÉ. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/museudamare/>. Acesso em: 27 set. 2021.

MUSEU DE FAVELA. Disponível em: <https://www.museudefavela.org/>. Acesso em: 27 set. 2021.

MUSEU DOS QUILOMBOS E FAVELAS URBANOS – MUQUIFU. Disponível em: <http://www.muquifu.com.br/>. Acesso em: 27 set. 2021.

PONTO DE MEMÓRIA DA ESTRUTURAL. Disponível em: <http://memoriaestrutural.blogspot.com.br/>. Acesso em: 27 set. 2021.

PONTO DE MEMÓRIA DA TERRA FIRME. Disponível em: <https://www.facebook.com/pontodememoriaterrafirme>. Acesso em: 27 set. 2021.

PRETO ZEZÉ esteve reunido com o Governador de São Paulo. CUFA, 3 jul. 2021. Disponível em: <http://cufa.org.br/noticia.php?n=ODQy>. Acesso em: 15 set. 2021.

REDE FAVELA SUSTENTÁVEL. **Guia de Museus e Memórias da Rede Favela Sustentável.** Disponível em: https://favelasustentavel.org/wp-content/uploads/2020/11/2020-11-Guia_Museus_Memorias_ESPELHADO.pdf. Acesso em: 19 set. 2021.

SANTOS, Suzy da Silva. **Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: estudo exploratório de possibilidades museológicas.** 2017. 724f. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO

de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em:
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-13122017-091321/pt-br.php>. Acesso
em: 28 dez. 2019.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. A política na favela (1967). **DILEMAS**: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social - Vol. 4 - nº4 - OUT/NOV/DEZ 2011 - pp. 699-716.

UOL. "Favela não é espaço de carência, mas de potência", defende Celso Athayde no HSM Expo NOW!. **Band UOL**, 9 nov. 2020. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/noticias/favela-nao-e-espaco-de-carencia-mas-de-potencia-defende-celso-athayde-no-hsm-expo-now!-16315462>. Acesso em: 23 set. 2021.